

Comunhão decolonial no *slam* de mulheres latino- -americanas

Raffaella Fernandez

Universidade Federal da Integração
Latino-Americana (UNILA)
• raffaellafernandez@yahoo.com.br

DOI [https://doi.org/10.34913/
journals/lingualugar.2021.e714](https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2021.e714)

Nesse texto apresento parte da pesquisa de pós-doutorado intitulada “Palavração, a partilha entra a letra e a voz no *slam* de mulheres latino-americanas” desenvolvida junto à Faculdade de Letras da UFRJ durante os anos de 2017 a 2020, com destaque para as poetisas do cenário carioca, em específico, do grupo *Slam* das Minas RJ: Gênesis e Rejane Barcelos, da cubanas, chilena Mónica Idzi do *slam* SLhambe, da cubana Afibola Sifunola do Àşę Poetry *Slam*, Mel Duarte do *Slam* das Minas SP e Bell Puã do *Slam* das Minas Pernambuco. A partir do diálogo intermediado por entrevistas, preparação de documentos audiovisuais entregues como devolutiva em parceria com as *poetrays slamers*, ambos realizados durante apresentações de *slam* em seus países (Brasil, México, Cuba e Colômbia) e outros países, capturados pelas redes sociais (Facebook, Youtube, blogs e Instagram), nos quais foi possível identificar alguns pontos em comum que marcam a produção da poesia falada inventada por mulheres no contexto latino-americano. Entre eles, os processos de criação de uma estética feminista decolonial dos “feminismos insurgentes” (BIDASECA) marcada pela interligação entre ética e arte no combate à colonialidade de gênero (LUGONES) e aos discursos elitistas que negam suas criações literárias. As demandas dessas mulheres periféricas, negras, não-brancas, indígenas, lésbicas, não-binárias ou transexuais, encontram no fulgor da palavra e da performatividade dos corpos (TAYLOR) um espaço interrelacional de comunhão ancestral, um local de inscrição do passado reverenciado no presente apontando para um futuro idealizado, mais justo e inclusivo.

Palavras-chave: *Slam*; América Latina; Decolonialidade; Poesia falada; Performance.

Dans cet article, je présente une partie de ma recherche postdoctorale intitulée « La parole, partage entre la lettre et la voix dans le slam des femmes latino-américaines » développée à la Faculté des lettres de l'UFRJ au cours des années 2017 à 2020, avec un accent sur les poètes de la scène de Rio de Janeiro, en particulier, du groupe Slam das Minas-RJ: Genesis et Rejane Barcelos, des femmes cubaines, Mónica Idzi du slam chilien SLhambe, du cubain Afibola Sifunola du Àse Poetry Slam, Mel Duarte du Slam das Minas SP e Bel Puã du Slam das Minas Pernambuco. Par le biais d'interviews, de préparation de documents audiovisuels délivrés en retour d'expérience en partenariat avec les poetrys slameurs, tous deux réalisés lors de présentations de slam dans leurs pays (Brésil, Mexique, Cuba et Colombie) et d'autres pays captés par les réseaux sociaux (facebook, youtube, blogs et instagram), dans lequel il a été possible d'identifier quelques points communs qui marquent la production de poésie parlée inventée par les femmes dans le contexte latino-américain. Parmi ces points, les processus de création d'une esthétique féministe décoloniale des « féminismes insurgés » (BIDASECA) sont marqués par l'interconnexion entre éthique et art dans la lutte contre la colonialité de genre (LUGONES) et les discours élitistes qui nient leurs créations littéraires. Les exigences de ces femmes périphériques noires, non blanches, indigènes, lesbiennes, non binaires ou transsexuelles trouvent dans l'éclat de la parole et la performativité des corps (TAYLOR) comme corps interrelationnel de communion ancestrale, un lieu d'inscription du passé vénéré dans le présent pointant vers un avenir idéalisé, plus juste et plus inclusif.

Mots-clés: Slam; Amérique latine; Décolonialité; Poésie parlée; Performance.

(...) *de uma trena que perdura em sabiduría*
Del petate que deja flor aberta
Para dejar ver la palma de quien lo trabaja
Nadien detiene la buena hierba
Que traigo em mis genes
Qué tiene de temblor ser morena?
(Cynthia Franco)

As interpelações dispostas nesse texto se reportam ao estudo de pós-doutorado intitulada “Palavração, a partilha entra e letra e a voz no *slam* de mulheres latino-americanas” desenvolvido junto à Faculdade de Letras da UFRJ durante os anos de 2017 a 2021, onde apresento parte do trabalho de ancoragem e afloração de um refazer seminal da palavra escrita e falada de uma outra história, ou como diria Miguel Unamuno, da história que está em outro centro: o centro da margem no qual a palavra não pode estar separa da ação. Trata-se do *slam* latino-americano produzido por mulheres localizadas em espaços periféricos, em geral, mulheres negras não-brancas ou indígenas, algumas lésbicas, não-binárias ou transexuais, porém todas com um ponto em comum: buscam encontrar o fulgor da própria existência através da palavra e da performatividade através de seus corpos, que se inscrevem no mundo declamando/gritando/vociferando/cantando nas ruas dos grandes centros urbanos de seus países.

No Brasil, a presença massiva das mulheres na “cena do *slam*” começará em 2012, trazendo para esse território, corpos da dissidência, antes predominadas por homens heteronormativos. Essas mulheres encontram, portanto, na poesia falada um lugar de refúgio, alívio, desabafo, luta, liberdade e criatividade em meio a uma sociedade hostil às existências colocadas em condições de subalternização. Como sabemos, a concepção etnocêntrica valoriza a cultura do homem cis europeu em detrimento de outras culturas e se estende a todos os espaços urbanos fazendo com que os valores patriarcais se reproduzam também nos espaços marginais. Portanto, as *slamers* constroem seus próprios terri-

tórios onde suas dororidades,¹ conquistas e elaborações artísticas são compartilhadas em rodas onde a escuta é ponto de partida e caminho, ou seja, um momento de discussão interna de acolhimento das dores de outra mulher não branca em situação similar ou semelhante.

As palavras em ação, a que denomino palavração, método estético, pedagógico e político, corresponde aos *slams* performatizados através dos corpos de mulheres em resistência e reexistências, fazendo ecoar novos sentidos e sentimentos praticados por elas no contexto latino-americano na tessitura comunicativa real e imaginária, onde podemos encontrar diversas ressonâncias, sobretudo, na expressividade rasuradora de padrões, produtora de respostas aos modos de opressão contestados por elas, em um duplo movimento poético e político frente ao espaço público marcado por práticas de origem coloniais. A exemplo do *slam* intitulado “Enjambre” da mexicana Cynthia Franco, nota-se a configuração de um discurso contra colonial que insurreciona suas raízes ancestrais como fonte de inspiração e combate:

[...] Mujeres denominadas fétils por la cosmogonía.
del alba y el ocaso
medicina son ya nuestras gargantas
y han de volverse himnos
enraizadas a la memoria e la piedra damos a
luz no sólo humano sino hogueras
mujeres em flor de loto
uniendo enjambre de lucha
cantando com nuestro vientre ancestra
cantando por todas,
porque somos todas las historias
unidas desde el estambre del que fuimos [...]
(Franco, 2016, p. 30)

Desse modo, a autora amplia o lugar do fazer poético consubstanciando nele o fazer político (fala) associado à terra (corpo): “medicina son ya nuestras gargantas / y han de volverse himnos / enraizadas a la memoria e la piedra damos a / luz no sólo humano sino hogueras / mujeres em flor de loto / uniendo enjambre de lucha”. Em suas apresentações no contexto das ruas, a slamer mexicana faz suas performances corporais utilizando danças ancestrais dos povos maias e astecas, utilizando o slam como manifesto onde explicita sua demanda e todo o passado ancestral que reafirma/visibiliza no presente rumo a um futuro de valorização do seu corpo indo-americano.

¹ “Conceito desenvolvido por Vilma Piedade onde discute a sororidade entre mulheres negras ou não-brancas. Para a autora a dororidade intersecciona as dores provocadas pela opressão de uma sociedade patriarca diferenciando as demandas e formas de articulação entre o feminismo branco e o feminismo negro: “Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Ai entra a Raça. E entra Género. Entra classe. Sai a sororidade e entra Dororidade” (Piedade, 2017, p. 46).

Apregoado ao caráter denunciativo dos *slams* ou mesmo de *saraus* organizados por mulheres, está o desenvolvimento desse tipo de inteligência corporal mobilizador de práticas contra-hegemônicas, que experimentam e reconhecem terrenos estéticos e afetivos compreendidos na perspectiva dos “feminismos Insurgentes” de Karina Bidaseca (2019), asseverando a contribuição das particularidades da descolonização do corpo feminino no âmbito da América Latina. Nesse sentido, essa produção literária e libertária representa um patrimônio intangível da humanidade construindo uma teia poética de resistências nas ruas e das redes sociais ligada a um mesmo objetivo: a disseminação de lugares de fala (Ribeiro, 2019) e de escuta dos corpos da diferença dilacerados físico e psicologicamente. São corpos dissidentes que se mobilizam em um entrecruzamento por meio das redes virtuais na luta pelos direitos sociais e pela emancipação e pela arte produzida por mulheres subalternizadas.

Em geral, nos *slams* produzidos por mulheres latino-americanas estão presentes vozes de diferentes países presentes no ambiente virtual, gerando uma cadeia contínua de significações e ressignificações estruturadas e possibilitadas pela abertura de olhares, de pertencimento ou opacidade² por intermédio das novas possibilidades dessas ferramenta de disseminação das *slamers* e seus espectadores/leitores, sobretudo através da utilização desse suporte como meio de criação. As redes sociais virtuais geram diálogos possíveis entre mulheres de diferentes origens, com destaque para a utilização do Facebook, Instagram, WhatsApp e Youtube onde se miram, se comunicam e se fortalecem cotidianamente para além de seus próprios territórios. Vejamos como esse diálogo entre *slamers* aparece no *slam* “Abya Yala”³ da chilena Mónica Idzi do *slam* SLhambé de Libertad, ao fazer referência à personagem Iracema do escritor José de Alencar, denunciando os males do estupro do corpo feminino como rastros do patriarcalismo colonial comum às latino-americanas:

Te nombro, América Latina.
La novia sensual de la élite europea.
Tan latina y tan fértil
que sólo eso esperan de ella:
beber su néctar, morir de resaca en su arena.
Tal vez amarla. Plantar bandera.
Rota, después de cada vez

² Utilizo opacidade na esteira de Glissant (2017), para quem uma poética da opacidade conduziria a uma política da relacionalidade, ou seja, as coisas podem ser encaradas em si mesmas, mas isso não será um obstáculo para a interação, uma vez que na medida em que se respeita a diferença se respeita a opacidade. Para esse autor, a relação é transversal, sendo feita a partir do reconhecimento entre um ser e outro, de modo que a opacidade construtiva marca a diferença e gera uma política da relação.

³ Abya Yala, que na língua Guna significa “terra em plena maturidade” ou “terra de sangue vital”, é o nome usado pelo povo nativo americano Guna, que habita perto do desfiladeiro de Darién (hoje noroeste da Colômbia e sudeste Panamá).

prepara un café, medio muerta
 y secándose las lágrimas
 marca próximo encuentro en su agenda.
 Se ha olvidado que tiene la maza y la cantera
 suelo, mar y cielo.
 Sólo no usa más sus alas
 (su espiritualidad robada)
 el amo se ha apropiado de ellas.
 Pero levantará.
 No como fénix,
 porque nunca ha muerto.
 Levantará como el cóndor en la cordillera.
 Sabía como siempre no aceptará más
 "estupro corretivo",
 aquele que ensina a ser mulher direita.
 No por cómo su cuerpo vestía.
 No por cómo sonreía.
 No porque sola a la noche volvía.
 Cuando finalmente se levante, emancipada,
 conozca el aire de los libres;
 la mañana le traerá con el sol
 Antu,
 Inti Raymi, la noche larga
 antes de la mañana definitiva,
 Kuarahy, la confianza en su sabiduría.
 La alborada de su soberanía.
 Potestad plena.
 Y no más José de Alencar
 dibujando a Iracema
 acostada en la hamaca
 como te quieren para si, América
 de Tupac Amaru
 de Lautaro.
 Esté alerta:
 la noche anterior a la alborada,
 aquella noche
 te servirá un cóctel
 molotov
 tua namorada
 cheers! y sonría a la cámara
 porque hoy
 un crimen pasional
 te borrará del mapa
 (Idzi, 2020)

É possível observar, que as ferramentas virtuais se estabelecem nesse processo enquanto acervo eletrônico e espaço de reconhecimento de identidades sincréticas, e complementares, inclusive no que concerne ao elemento linguístico, quando a *slamer* Mónica Idzi pronuncia "estupro

corretivo", e insere, desse modo, esse termo desconstruído pelas *slamers* brasileiras feministas no combate às violações do corpo feminino. O discurso está assentado em reivindicações emancipatórias na luta contra o estupro, que acometeu e acomete as diversas mulheres na América Latina ou Abya Yala. Esse *slam* reivindica em um uníssono grito de denúncia desde de sul, um movimento feminista com uma nova agenda reconfigurada por meio de uma reciprocidade interterritorial, plural e interseccional.

Da palavra falada à performance, adota-se o corpo presente ou a sua virtualidade para propor novos rumos à poesia que transita entre a encenação e as lutas culturais, de modo que o corpo como gesto falante parece anteceder a escrita, chegando em alguns casos, a calar a voz para conferir ao gesto a intensidade do silêncio performatizador da dor de muitos silenciamentos que oprimem essas mulheres, como por exemplo, faz a *slamer* carioca Gênesis ao apresentar seu *slam* "Quando não sobra nem o dinheiro nem a dignidade, ainda resta o papel e a caneta e a vontade..." (Gênesis, 2017) e diz "sou o abismo que mora dentro dos meus olhos" e após essa frase faz uma longa pausa como quem rememora essa dor e faz o expectador olhar a mesma traduzida em seus olhos, e, em seguida fala "Quem ousará olhar nos olhos das suas próprias sombras".

São essas entre outras estratégias discursivas justapostas às corporais que compõem os processos de criação das *slamers* desde trânsitos literários, diálogos inter representativos (soy negra si!/sou negra sim!) próprios das oralidades e vivências diaspóricas na América Latina, passando pela utilização contemporânea das linguagens próprias dos suportes midiáticos aplicados aos seus processos de criação. De modo que, pode-se notar que esses elementos convocam leituras hermenêuticas e comparatistas desses textos-performatizados produzidos nas confluências e divergências de interlocuções poéticas em constante diálogo. Não à toa, aparece em diversos *slams* brasileiros, assim como é mencionado em entrevistas⁴ ou vídeos online das *slamers* dos outros países (Cuba, Uruguai, Chile, Colômbia, Guatemala e Argentina) o caso Marielle e a crítica ao neofascismo que eclode com força no Brasil com os adventos catastróficos das eleições de 2018.

⁴ Refiro-me ao trabalho de campo que realizei entre os anos de 2017 a 2019.

A articulação da memória e os processos históricos vivenciados por mulheres latino-americanas em situação de vulnerabilidade, atravessam e integram as narrativas comuns a todas, despertando, consolidando e sensibilizando uma consciência social nos espectadores/ouvintes e

produtoras do *slam*: “eu sou isto: apenas uma moça latino-americana me agarro às lutas do passado pra ter força no presente não defendo vidraça de banco defendo gente ao que é injusto sou desobediente” (Puã *apud* Duarte, 2019, p. 31). Assim, ‘para além de se nutrirem apenas da ludicidade da competição fictícia de uma batalha de poesia, como regra geral dentro do *slam*, todos envolvidos são conduzidos ao patamar de reflexão crítica e consciente das desigualdades em todas as instâncias, inclusive, aqueles referentes às relações entre língua, literatura e sociedade. São diversos *slams* que evocam outros espaços de saberes como a própria rua ocupada no momento da “batalha” e outros agentes do saber e da arte, fazendo remissão a vazios segregacionistas dentro das universidades, a exemplo da assim autodenominada “preta doutora” ou “Natty de poesia”, a da *slamer* Natiely Castro do *slam* das minas do Acre no Brasil (Castro, 2019).

O discurso dessas *slamers* revigoram o ânimo dessas mulheres e remanejam esforços daqueles que vivem reexistindo as mazelas de suas vidas descartáveis, pois “a partir de agora [...] não tremerei face a olhos vidrados [...] psicopatias falocêntricas não tiraram a minha paz, estou me autoproclamando, senhora da minha liberdade”, conforme afirma a *slamer* Rejane Barcelos do *Slam* das Minas do Rio de Janeiro (Barcelos, 2019), assim como suprem lacunas derivadas de toda sorte de destituição social, reconhecendo a educação escrita e a oratória como direitos humanos fundamentais e complementares na articulação entre linguagem e identidade, conforme tenho constatado nas pesquisas de campo realizada.

Essas congregações de escritas promovidas por mulheres são defendidas por elas como espaços de literatura, uma ideia de literatura onde a palavra e política são indissociáveis e aderem a todas as formas de manifestação da linguagem, desde a música e a oralidade, assim como os autores canônicos e não-canônicos. O percurso de suas produções é autóctone, passando pelos clássicos universais, pelas teias feministas, pelas criações étnicas em um invólucro criativo de vozes multi-idiomáticas ou transculturais, conforme compreendido por Glissant em seu estudo sobre o discurso antilhano:

Pasar de lo oral a lo escrito es inmovilizar el cuerpo, someterlo (poseerlo). Um ser desposido de su cuerpo no puede alcanzar lo inmóvel donde se amontona lo escrito. E esse universo mudo, la voz y el cuerpo son la continuación de uma carência (Glissant, 2002, p. 255 e p. 226).

O autor está falando sobre os corpos esvaziados pela palavra no contexto caribenho, que durante os processos diaspóricos foram aglomerados diferentes falantes de vários territórios da África de modo, que a comunicação não pode se dar de forma facilitada, portanto, formas de mobilização contra a escravização, entretanto, a comunicação se dá pela via da gestualidade tentativa de corporificar a palavra, pensamento e sentimento. Trazer a oralidade para escrita é imobilizar ainda mais o corpo, mas ao mesmo tempo possui-lo e submetê-lo. Para as *slamers* a escrita parece fazer mais sentidos através da oralidade, manifesta agora dentro da engenhosidade de suas literaturas que carregam essas características ancestrais de retroalimentação com a oralidade. A escrita leva a uma retomada do corpo que convoca a oralidade, pois “en ese universo mudo, la voz y el cuerpo son la continuación de uma carência”. Essa carência aparece na escrita, seja por meio do tema, da forma ou ambos juntos: [...] não / eu não falo pelas mulheres / chega de sermos interrompidas / não / eu não falo pelas mulheres / quero ouvi-las” (Puã *apud* Duarte, 2019, p. 29).

A despeito da presença de discursos feministas, alguns textos-performances, sobretudo naqueles que se aproximam do Hip Hop que é essencialmente masculino, se espelham e enformam aspectos essenciais da sociedade patriarcal, razão pela qual é preciso dotar o espectador de um aparelho para a leitura interpretativa desses encontro-manifestos a fim de libertar, as mulheres de toda forma de opressão/expressão sobre seus corpos desde sempre colonizados. Essa constitui uma base cognitiva para a eficaz interpretação de todas as formas de textos, orais ou impressos, verbais ou imagéticos divulgados, sobretudo na web e concretizados como ação denunciadora e espaço de dororidade e reconhecimento como forma de acolhimento. Como consequência à eficaz interpretação e à verbalização da explicação de fatos misóginos que acometem todas as mulheres, resulta um empoderamento dos espectadores na averiguação de suas condições como sujeitos sociais e corpos femininos com suas especificidades que exigem respeito. Para tanto, os encontros constituem importantes passos de interlocução na elaboração e correlação dos debates realizados entre essas poéticas em uníssono. Dentre eles, salienta-se a constatação de que todas as performances realizadas pelas *slamers* perfazem uma crítica direta à estética tradicional, notadamente no que concerne ao entendimento da mulher como objeto de prazer, beleza intocável e fragilidade, sensação intelectualizada e padrão de beleza da mulher branca europeia.

Com base nas correntes contemporâneas da teoria e da crítica literária, a abordagem hermenêutica e comparatista das diferentes poéticas latino-americanas, os estudos feministas decoloniais e as teorias sobre performance ocupam um lugar privilegiado para pensar essa literatura. Nesse viés, observa-se como estratégia descolonial, os momentos em que as *slamers* evidenciam a materialidade de seus corpos para dentro de suas poesias faladas e formas de pensar e criar autônomas. Em primeiro lugar, pela fala em si muitas vezes acompanhada pelo grito, mas também pelos sons guturais, vocalização de sons da natureza ou das emoções, sussurros, entonação na ênfase de determinadas palavras, e ruídos proferidos em suas performances; em segundo lugar, por intermédio da dança ou dos gestos que amplificam elementos latentes no discurso. Em contraposição à contemplação passiva da arte clássica, o palpável tira a *slamer* do lugar de objeto fetichizado consubstanciando seu lugar de sujeito ativo feito de um corpo resistente e potente.⁵ Todas essas performances funcionam como “uma episteme, um modo de conhecer, e não simplesmente como objeto de análise”, conforme Taylor (2013).

O *slam* produzido por essas mulheres aciona sistemas de linguagem verbal, visual e sonoro, assim como suas formas híbridas nas artes e nas manifestações intermidiáticas, interrogando a formação histórica das relações sociais do continente latino-americano marcada pela negação e pelo silenciamento do Outro, pela subjugação das subjetividades, pela subalternidade e pelos conflitos que caracterizam a existência de segmentos sociais tais como os povos originários, os afrodescendentes, as mulheres, com ênfase para a violência, o genocídio e a discriminação sofrida pelas mulheres e suas famílias que ocupam os lugares marginalizados.

Como observou a feminista decolonial María Lugones (2019) o desencanto com a categoria universal de mulher permitiu ver a multiplicidade de mulheres, e, por conseguinte, os feminismos constituídos por mulheres de origens diferentes, mas igualmente marcadas pelas consequências do colonialismo de modo a comungarem de uma práxis crítica à colonialidade de gênero e resistência de coalizão contra as relações de opressão em geral. A partir do feminismo decolonial de Lugones (2019), Segato (2012), Oyěwùmí (2016), podemos desenvolver uma cartografia da produção artística e intelectual produzidas por mulheres além da associação direta com os parâmetros de uma escrita feminina com a sensibilidade, a beleza ou impressão entre outros atributos que permeiam a crítica tradicionalista. Nesse caso não apenas a ação é repensada,

⁵ Essas remarcações contra-hegemônicas também estão presentes nas performances de Priscila Rezende, Ana Mandieta, Marcia X, Grada Kilomba, Nona Faustine, Karolina Pacheco, Cecilia Cuña, Rosane Paulino, entre diferentes erupções de artistas mulheres que expõem suas vísceras para a e da sociedade.

mas a legitimidade daquilo que é considerado literário ou não-literário ou conhecimento e ou mera impressão, questiona os paradigmas de um essencialismo e de um universalismo que determinam os critérios estéticos tradicionais e as estratégias interpretativas da crítica em geral. O desafio está circunscrito em reaprender a olhar sob novas perspectivas que sejam capazes não apenas de acolher e reconhecer os sujeitos silenciados ou excluídos na história, mas também evidencia suas memórias e produções evitando ausências e retrocessos para que haja significativas transformações em todos os âmbitos da sociedade.

As *slamers* latino-americanas mobilizam o que Caroline Marin denominou como “ações de guerrilhas afetivas”⁶ ao analisar performances decoloniais feministas, que segundo ela valorizam um novo olhar sobre práticas originalmente associadas às mulheres desde sempre, tais como, o ato de cozinhar, bordar, cuidar de si, fazer amor e cuidar do outro. Além disso, os objetivos que orientam suas práticas poéticas são conduzidos pela diferenciação estabelecida por Walsh (2010) como “interculturalidade crítica” em contraposição à “interculturalidade funcional”, isto é, processos pautados em promoção de relações dialógicas e igualitárias entre grupos pertencentes a diferentes universos culturais, mas confluentes no mesmo “*locus* fraturado” (Lugones) em luta contra todas as formas de violência, opressão, discriminação, desigualdades e toda forma de subalternização ao sistema colonial/patriarcal/capitalista, refém das suas relações de poder, notoriamente assimétricas, como expõe e resiste a *slamer* cubana Afibola Sifunola:

Pensando en las putas negras
que nos parieron
y en las que no parieron porque no pueden,
no se lo permiten
o no se les dio la gana
pero son irreversiblemente negras
majestuosamente putas
pensando, pensando en las perdularias, en las mariquitas
y maricones de carnaval
en la araperas, en las tortilleras
en las locas, en las gordas, en las pecadoras,
en las indígenas, en las brujas, en las raras, en las sucias
y en toda la variedad de hijas de putas
orgullosas de existir

Nos declaramos maravilla absoluta
el tirei y el equilibrio de esta tierra

⁶ Durante condução de Fórum Estéticas decoloniais durante a I Jornada de Feminismos Decoloniais em Questão! realizada em julho de 2021.

infectada de hétero blanchura cristiano católica
sangrienta y represiva

iObserva! observa cómo creamos
desde nuestras calles sim nos faltar
cómo bailamos nuestra libertades
cómo cantamos nuestras virtudes
No estamos aquí para educarte
No estamos aquí para ti
iEstamos aquí!

Subvertiendo y enterrando los recursos de tu opresión
radicalmente felices
No estamos aquí para explicarte
no estamos aquí para ti
iEstamos aquí!

No estamos aquí para agradecer tu desarrollo
Tu desarrollo erosionado
Tu desarrollo explotador
Tu desarrollo feminicida
tu desarrollo transfóbico
tu desarrollo gentrificado
tu desarrollo especista
tu desarrollo racista

tu desarrollo
que desarrolla en mí
un inmenso orgullo
de ser esta cuerpa melaninada
esta hija de puta recicladora
esta poeta maravillosa
que como tantas no tiene salario
este ser radicalmente feliz.
(Sifunola, 2021)

Nesse sentido, encontra-se como matriz semeadora em seus trabalhos o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural: “en las perdularias, en las mariquitas / y maricones de carnaval / en la araperas, en las tortilleras / en las locas, en las gordas, en las pecadoras, / en las indígenas, en las brujas, en las raras, en las sucias”, bem como da sabedoria que se constitui nos espaços subalternizados, promovem um processo de reconstrução de identidades socioculturais em movimento, trânsitos de livros e gêneros sexuais e textuais, estimulação da produção de conhecimento sobre os problemas socioambientais, a incentivar seus múltiplos impactos nos grupos sociais silenciados, discriminados ou marginalizados com foco na “descoloniação do olhar” (Oyèwùmí), por

meio apropriação dos espaços públicos em que o político é entendido como algo pessoal e como experiência vivida (Kiloma).

Os eventos organizados pelas *slamers* tentam erigir sistemas de práticas de defesa e cura da “ferida aberta” (Anzaldúa), a fim de reconquistar os espaços e mentes colonizados, partindo de suas próprias potências discursivas como base de legitimação de seus próprios aportes para falarem de si mesmas e por suas comunidades, mas acima de tudo, instituir uma outra forma do fazer literário.

Além da questão linguística reconfigurada por intermédio das experiências político-sociais da escuta, enquanto prática ancestral da oralidade, foi pertinente no aprofundamento das relações entre o plurilinguismo e os processos de construção de cidadanias e de integração de luta de constituição de uma arte da diferença produzida pelas *slamers* na América Latina. Esses pontos foram suscetíveis a esta pesquisa no que concerne à discussão sobre o discurso literário, histórico e testemunhal, as analogias entre poder e resistência, política e estética, memória e representação coletivas.

Essas formas de apropriação da palavra salientam o quão singular é a questão da identidade quando se lê/escuta um texto da periferia inserida em movimentos globais para além da guetização desses espaços, mas compreendida enquanto encontros de quilombos diaspóricos nos enlances das discursividades de mulheres negras. As *slamers* situam, alimentam e encorajam quem se deixa afetar por esses espaços das margens ocupados por elas. Seus textos performances reivindicam um espaço e corpo que não é objetificado, mas são rerepresentados através de subjetividade que se quer própria e autêntica, ainda que seja atravessada por diversas implicações de caráter mais reacionário (como está sendo investigado de maneira mais profícua na análise dos discursos que envolvem os *slams*). De todo modo, o contato com o interlocutor é um verdadeiro exercício de posse recíproca, um pertence ao outro: o leitor lê o texto-corpo, mas o texto-corpo também lê o leitor, tanto no momento do sarau/slam quanto nas formas de produzir os textos e disseminar todo um movimento nas redes sociais e mídias virtuais.

Outro aspecto relevante refere-se à perspectiva de uma literatura cidadã, considerando selecionados temas transversais relativos aos espaços subalternizados latino-americanos, sempre em atenção às relações contemporâneas entre sociedade, indivíduos e território. Dentre os diversos temas que implicam necessariamente esse diálogo estão as

Literaturas, as Linguagens, as migrações e as imigrações, as diásporas e a globalização, a sociedade, a educação, os direitos humanos, as identidades, a alteridade, as subjetividades; a decolonialidade e acima de tudo a “explosão feminista”⁷ a partir de 2013 e suas interseccionalidades (momento em que eclode o *slam* de mulheres em várias regiões no Brasil).

⁷ Cf. Hollanda, 2018.

Nesse sentido, esses trânsitos guiados pelos pontos de vista das mulheres latino-americanas, enquanto uma multiplicidade de re-existências faladas e escritas, a partir de autorias múltiplas presentes nas ruas e nas mídias na criação, valorizam e visibilizam outros saberes e invenções que são nutridores de espaços marginalizados nas grandes cidades. Acerca dessa “Epistemologia dos saberes”, Boaventura dos Santos (2007) irá afirmar que é necessário inventar novas formas de saber para atuar politicamente, entretanto, as mulheres do *slam* produzido na América Latina parecem não separar o pessoal do político, tampouco o espiritual e o artístico, ao contrário, a atuação política não se separa de qualquer prática do corpo ou do espírito humano. De igual modo, avançam na “economia dos saberes”, proposta desenvolvida pelo mesmo sociólogo, como mesclas de saberes distintos, ancestrais aos saberes científicos. Ao passo em que articulam suas formas de resistências por reconhecerem em suas produções discursivas-performáticas a luta contra todas as formas de dominação, em geral essas *slamers* parecem estar mais articuladas em seus “ativismo” do que as esquerdas que se dissolvem em demandas específicas.

A poesia é meio de atualização da narrativa do passado em presente. (Garramuño, 2014), sendo a poesia falada um espaço de manutenção da tradição de cosmogonias e cosmovisões negadas como uma tradição viva: uma reserva sentido onde a história negra e indígena são manifestadas na América Latina contemporânea. Como refletiu Audre Lorde, a poesia é reveladora da experiência, por isso, para as mulheres, a poesia não é um luxo, é necessidade vital da existência que fundamenta esperanças de sobrevivência e mudança, “primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível” (Lorde, 2019, p. 47). A poeta ressalta que o compartilhar de sentimentos na poesia é fazê-los sobreviver numa estrutura definida pelo lucro e relações de poder que desumanizam, é resistir à lógica colonial, cito:

[...] quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situação a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder – é delas

que surge o verdadeiro conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras. [...] Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (Lorde, 2019, p. 46).

Sem dúvida, temos no *slam* produzido por mulheres latino-americanas uma comunhão decolonial em movimento intenso e inovador de abertura de novos horizontes e quebra de paradigmas fetichizados *más allá* das formas das organizações políticas contra o racismo, machismo e heteronormatividade estruturais, buscando através dos afetos alcançados pela prática do *slam* a revisão do presente na afirmação de um passado negado, porém hoje, dito em voz alta nas ruas como ferramenta de guerrilha poética:

Aqui estamos nós, donas de
nossas próprias palavras,
revolucionárias do cotidiano,
regando a terra outrora batida
por nossas antepassadas,
firmando nossas pegadas,
sabendo que hoje, cada vez
que nossa fala se propaga
equivale a dez que antes
foram silenciadas

Mulheres de uma geração
atrevida, filhas dos saraus e
das batalhas de poesia,
alquimistas, libertárias,
propagandistas da oralidade
compartilhando nossas travessias,
bradando nossa realidade! [...]
(Duarte, 2019, segunda capa)

A comunhão empreendida nessa estética decolonial ativa um reconhecer-se em ligação com a sociedade como um todo, implicando na “sisión chefe”, conforme elaborada pela socióloga Silvia Cusicanqui: “En realidad, la creatividad es algo que acompaña mucho mas la vida que el acto de narcisismo estético” (Cusicanqui, 2012). O *slam* é um gesto de leitura e criação dentro de uma geografia dentro e fora das bordas sociais, onde o antagonismo não é destrutivo, mas vitalizador e permite que as subjetividades subalternizadas se encontrem e se mobilizem por meio de uma “economia de saberes” criativa muito além das “comunidades imaginadas”, muitas vezes, diminuídas como meras vozes representativas de

uma verossimilhança das margens. Essas produções nutrem e criam epistemes cognitivas e uma estética coletiva que ultrapassa as fronteiras, apontando para um mundo transformado por seu fazer cultural.

Bibliografia

- Barcelos, R (2019). "Slam das Minas está agora participando de bancada, feira de publicações...", <<https://www.facebook.com/slamdasminasrj/videos/365878517391843>> (último acesso em 09/06/2019).
- Bidaseca, K. (2019). *Feminismos insurgentes*. Buenos Aires: Lugar.
- Castro, N (2019). "Vocês não gostam de mulher", <<https://www.facebook.com/SlamDasMinasAC/videos/396653080913186>> (último acesso em 04/04/2020).
- Cusicanqui, S. R. (2012). "DIALOGO #1: SILVIA RIVERA CUSICANQUI (Oído Salvaje, 2012)", <https://www.youtube.com/watch?v=qFvVcrBhjEA&ab_channel=FabianoKueva> (último acesso em 23/4/2018).
- Duarte, M. (org.) (2019). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Franco, C. (2016). *Hatsí*. Ciudad de México: Haz um livro y haz um barrio.
- Garramuño, F. (2014). *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco.
- Gênesis (2017). "Quando não sobra nem o dinheiro nem a dignidade, ainda resta o papel e a caneta e a vontade", <https://www.youtube.com/watch?v=hA-aANP949c&ab_channel=SlamdasMinasRJ> (último acesso em 15/01/2018).
- Glissant, E. (2002). *El discurso antillano*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana.
- (2017). *Poética de la relación*. Beral: Universidad Nacional de Quilmes.
- Hollanda, H. B. de (2018). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Idzi, M. "SLhAMBE DE LIBERTAD". <<https://www.facebook.com/slamenchile/videos/979002389218403>> (último acesso em 24/09/2020).
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Lorde, A. (2019). *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Lugones, M. (2019). "Rumo a um feminismo decolonial" In: Hollanda; H. B. de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, pp. 357-377.

- Oyěwùmí, O. (2016) *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016 [1997].
- Piedade, V. (2017). *Dororidade*. São Paulo: Nós.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de Fala*. São Paulo: Polen.
- Santos, B. de S. (2007). "Beyond Abyssal Thinking. From Global Lines to Ecologies of Knowledges", *Review*, XXX (1), pp. 45-89.
- Segato, R. L. (2012). "Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial", *E-cadernos CES* (Online), v. 18, pp. 1-5.
- Sifunola, A (2021). "Otrix poetx americanx de nuestra comunidad Abya Yala Poetry Slam. Representando a Àşę Poetry Slam con su poema 'Radicalmente feliz'", <<https://www.facebook.com/watch/?v=941362819950068>>, (último acesso em 30/06/2021).
- Taylor, D. (2013). *O Arquivo e o Repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Walsh, C.; Viaña, J.; Tapia, L. (2010). *Construyendo Interculturalidad Crítica*. La Paz: Convenio Andrés Bello.